

DEMOLINDO AS ESCOLAS DE ADMINISTRAÇÃO

Review de Shut Down the Business School, de Martin Parker

Lucas Casagrande¹

“Um homem está visitando alguns canibais e fica assustado ao ver essa placa na entrada do restaurante:

*Especiais do Dia:
Cérebro de Engenheiro \$15
Cérebro de Arquiteto \$20
Cérebro de MBA \$250*

Ele diz a uma garçonete: Wow, esse cérebro de MBA deve ser uma delícia! Ela responde: Tá brincando? Sabes quantos MBAs são necessários matar para conseguir um pedacinho pequeno de cérebro?” (PARKER, 2018a, p.13)

Poucos livros de Estudos Organizacionais, especialmente dentre os críticos, atingem o público geral e provocam um debate para fora dos muros das nossas universidades. *Shut Down the Business School* é um desses. Apesar de publicado por uma editora independente, logo que foi lançado, no Reino Unido, o jornal Guardian (PARKER, 2018b) fez um fascículo em sua edição imprensa com um longo texto ilustrado de Parker. Logo após, a rádio BBC4 o entrevistou (TAYLOR E PARKER, 2018). Atravessando o Canal da Mancha, que os ingleses insistem em chamar de Canal Inglês, o livro se tornou um longo assunto do jornal francês Le Monde (PAKER, 2018), foi discutido pelo jornal alemão Die Welt (WANNER, 2018), pelo jornal suíço Handelszeitung (PÖHNER, 2018) e, pasme, elogiado pelo Financial Times (BARRETT, 2018).

Por certo a mensagem de Parker reverberou e, pelo menos, criou dúvida onde antes havia conformidade. O argumento de seu livro é parcialmente enunciado pelo próprio título: devemos

¹ Professor da FACC - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Estudos Organizacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

fechar as Escolas de Administração e de Negócios e abrir Escolas para o Organizar. Afinal, a administração, seja ela o que se convencionou chamar de “gerencialismo” ou não, é um meio de ensino e difusão de uma forma muito peculiar de se organizar. Historicamente, é uma forma que dificilmente supera 1% do tempo que os humanos ocupam a Terra. E organizar é uma atividade muito importante da vida humana para reduzirmos somente a uma forma.

Neste sentido, argumenta Parker, é importante que a Universidade tenha responsabilidade com as ideias que difunde, com as sementes que planta. Ensinar que as pessoas devem se organizar preferencialmente (ou mesmo unicamente) sob a forma empresarial-burocrática é ignorar uma multitude de possibilidades. Ao fim, argumenta o autor, as Escolas de Administração nada mais são do que apologistas do mundo tal como ele é. E isso é precisamente o oposto do que a Universidade deveria fazer. Ela deveria ser o que promove um mundo ideal para a realidade e não o oposto.

É claro que há um pressuposto embutido no argumento, mas o autor o reconhece: o de que as universidades, e as atividades que ali ocorrem, influenciam a forma com que as pessoas pensam e agem. Há, também, um elemento que, embora presente e relevante na realidade brasileira, é ainda pior na realidade britânica: o uso das *Business Schools* como forma de subvenção universitária. Trata-se da ideia de promover cursos, tanto de graduação quanto pós-graduação, que atraiam pessoas pouco interessadas nas discussões teóricas ou no conteúdo, mas que podem pagar altos valores em busca de um “*networking*”, financiando o restante Universidade.

No caso brasileiro, tal questão é mais restrita às universidades privadas. Mas o ocaso da universidade britânica pós-Thatcher fez com que a própria Universidade fosse tratada como uma empresa, necessitando de setores superavitários para subsidiar a pesquisa. A necessidade de criar um *cash cow* criou um departamento que praticamente todas universidades hoje em dia possuem: o da administração. Ironicamente, a ideologia gerencialista propagada pelas próprias universidades a tomaram, a partir da década de 1980, de assalto. Se há *karma*, este é o da Universidade.

Outra ironia é que, ao transformar uma área em um *cash cow*, se reconhece implicitamente que tal área é pouco relevante para as atividades universitárias. Ora, caso fosse de outra forma, tratar-se-ia de visar aquela tríade santa (ensino, pesquisa e extensão), e não excedentes financeiros para bancar outras áreas.

A administração, dessa forma, é vista por Parker como uma ciência apologética do *status quo*, uma reprodutora das coisas tais como elas são. E esse modelo não tem salvação. Não adianta buscar em um passado nostálgico um “administrar” diferente, ou em uma ética empresarial formas de solucionar o dilema. Nós devemos, necessariamente, salienta Parker, parar de ensinar nossos alunos a endeusar líderes, parar de argumentar em prol de disciplinas tributárias pela lógica da evasão fiscal, parar de tratar problemas ambientais como questões externas à logística corporativa e abdicar completamente da ideia de que devemos canalizar os desejos das pessoas ao mercado. Ou seja, devemos parar de fazer quase tudo o que se faz nas Escolas de Administração.

Em oposição a isso devemos pensar um ensino do organizar, onde pensamos o mundo social que queremos. Ao invés de pensarmos só a burocracia empresarial e estatal, podemos pensar todas essas formas distintas de se organizar, desejáveis ou não, tais como o “circo, famílias, filas, cidades-estado, utopias, vilas, sectos, matriarquias, turbamultas, *gangs*, cidades, clubes, tribos, piratas, a máfia, *Ocuppy* e o pouso na lua da Apollo” (PARKER, 2018a, p.X)

Assim, Parker começa seu livro por mostrar o absurdo que se tornaram as *Business Schools*: shopping centers de consumo (seja de *smoothies*, seja de cursos), espaços assépticos que não foram feitos para o debate, mas para o consumo. E, pior, esse centro apologético ao capitalismo dentro da Universidade tem se tornado o modelo para toda a Universidade. Escrito também para um público que nunca pisou nessas mecas do capitalismo tardio, *Shut Down the Business School* explica o problema a partir do mal estar cotidiano que todos nós experienciamos.

Um leitor situado na área de Estudos Organizacionais, logo de cara, já pensaria algo como “Mas existe todo um movimento de estudos críticos...”. De fato há, mas o autor critica os críticos (onde ele mesmo pode ser colocado), pintando-os como acomodados que requerem a existência

do objeto da crítica para que seu trabalho permaneça relevante ou, ainda, como reformistas de um prédio arruinado no projeto. Parker quer ir além: que coloquemos no chão as Escolas de Administração, que transformemos as *Business Schools* em Escolas do Organizar. Ou, ao menos, que comecemos a considerar a hipótese com seriedade.

De certa forma, o argumento de Parker pode ser sintetizado na ideia de que as Escolas de Administração ou de Negócios não são passíveis de reforma, tal como boa parte do movimento crítico foca seus esforços. As EAs devem ruir para que as EOs possam surgir. O argumento é forte e, de minha parte, confesso que me compele. Mas a operacionalização dessa proposta não é esmiuçada no livro, tampouco analisada a possibilidade real. No entanto, o autor confessa: seu intento é polemizar e incentivar o debate ao invés de constituir uma análise minuciosa ou de constituir um projeto sistemático. Talvez por isso o livro tenha atingido um público mais amplo.

Mas além de uma tentativa (bem sucedida) de polemizar, Parker parte do diagnóstico de que as reformas da Escola de Administração, ao passo que foram bem sucedidas para quem empenhou esforços nelas, nunca se tornaram em algo para além de seu papel reprodutor do discurso capitalista. Em parte isso se baseia no diagnóstico de que as reformas feitas, a partir da década de 1970, foram no máximo inclusões de visões toleradas pela administração. Questões de gênero, classe social, raciais e sexuais foram adicionadas às discussões, mas não raro com intuito de promover a cooptação de movimentos sociais – e, quando não houve esse intuito, muitas vezes foi o máximo que a reforma curricular atingiu. De minha parte, entendo esse ser o maior pecado do livro: ao buscar a polêmica e o debate, Parker acaba por pintar um espantalho e reduzindo o esforço crítico a poucos frutos. Eu entendo que isso é, em parte, um recurso retórico, mas tomemos a estratégia com uma pitada de sal.

As áreas dentro da administração (finanças, marketing, gestão de pessoas, etc) parecem coisas muito distantes uma das outras, estudando objetos que a única coisa que guardam de semelhança entre si é a organização. Mas há dois fatores que possuem em comum para além desse objeto difuso: a ideia de que ordem social é melhor realizada sob a lógica de mercado (e que os problemas devem ser resolvidos dentro da mesma lógica); e de que os seres humanos são, em última análise, egoístas racionais que podem ser tratados em uma lógica reificada onde

as técnicas são, ao final, nada mais que ferramentas manipulatórias. Ao final, se há algo em comum a todas essas áreas da administração, é de que “dissimulam o capitalismo como senso comum” (p.34).

O que leva a mais uma questão problemática das Escolas de Administração: elas produzem conhecimento para a administração e não **sobre** a administração. Elas são instrumentos para produzir hierarquias, autoridades e manter a divisão social de classes. Críticas à administração existem aos montões, mas a crítica a que Parker se designa situado é a de uma tradição teórica ligada aos anarquistas: ele quer que as estruturas de poder, a hierarquia e a autoridade vão à ruína. E daí deriva, também, a potência de seu livro: ele não está propondo uma burocracia *soft*, ou manuais de ética para administradores. Ele está propondo, claramente, que pensemos em uma Universidade comprometida com o fim da hierarquia e em possibilidades de organização horizontal.

A administração moderna é uma área de estudo que nasceu, de um lado, pelo cientificismo tecnicista de Saint-Simon e Comte. Por outro, pela oposição ao patrimonialismo monárquico centralizada na burocracia. O gerencialismo, assim, acaba por ser a crença nos dogmas instituídos por estes movimentos: eficiência e meritocracia impessoal. Parker nota que tais valores devem sucumbir para que uma organização libertadora emergja. Percebe, também, que há mais análise organizacional, no sentido estrito da palavra, na teoria anarquista do que na administração.

Há uma carga semântica no próprio conceito de “administração” ou de “gerenciar”. Essa carga carrega a discussão da organização para pressupostos já mencionados. É por isso que a Escola não pode ser de Administração (ou “business” ou de “negócios”). O intento demolidor de Parker parece nascer da constatação da bagagem que o conceito carrega. E, novamente, é elogiável a capacidade argumentativa e ilustrativa de Parker. Fica claro a qualquer leitor de fora da área que chamar uma parte da Universidade que trabalha com formas de organizar humanas de “administração” é tão deliberadamente estreito como chamar a faculdade de agronomia de “Escola da Soja” ou da faculdade de veterinária de “Escola do Gato”.

Pior ainda, nota Parker, é que o culto à liderança é muito mais próximo do fascismo do que costumamos aceitar. A afirmação soa forte, mas toda projeção de um “grande irmão” que zela por nós e nos dirige a vitória gera calafrios a uma visão crítica e libertária. Mas além da estética idólatra, o gerencialismo proporcionou um discurso de concentração de renda, ao fazer nós todos crermos que há pessoas que são vitais para a organização (os “líderes”), ao passo que outras são precarizáveis, substituíveis.

Pior ainda é que muito da Administração se conformou em ganhar fortunas falando o que esses seres concentradores de poder querem ouvir. Seja por meio de consultorias bem pagas, de livros e textos vendidos em aeroportos ou de cursos de convencimento dos funcionários, muitos professores acabam por dedicar suas vidas a construir um imaginário de que precisamos de mais líderes, de mais gestores, de mais pessoas que digam o que devemos fazer. Ora, esse é precisamente o pequeno fascismo, o fascismo cotidiano, aquilo que Ivan Illich chamaria de o fascismo gerencial.

Frente ao gerencialismo, o que Parker propõe, e que muito me agrada, é a pesquisa e o ensino no organizar. É isso que é realmente importante na vida humana – e não como mandar e ser ordenado. Apesar de todo discurso criado nas Escolas de Administração, apesar do triunfo da ideologia gerencialista, as pessoas se organizam em diversas formas. Apesar de todas disciplinas acadêmicas se formarem por exclusão, o autor nota, a administração o faz com um requinte um tanto sádico: exclui tudo que não faz parte da vida comercial e, indo um passo adiante, empurra todas essas outras formas para serem encaradas como comerciais.

Ao invés de nos perguntarmos como ser mais eficientes, quem manda em quem e qual o retorno sobre o investimento, o que Parker está advogando é que estudemos como o mundo social se organiza – e, ademais, como poderia se organizar. Esse “poderia” não é prescritivo, no sentido de criarmos receitas para o mundo (afinal, isso seria um tanto autoritário), mas sim exploratório, vislumbrando as múltiplas possibilidades.

A proposta lembra, novamente, muito do enunciado na década de 1970 por Ivan Illich. Quando, em 2017, perguntei a Parker se ele conhecia o autor, sua resposta foi um afirmativo vago, um “já ouvi falar” e, em seguida, citou que lembra de ter lido algo sobre a sociedade

descolarizada décadas atrás. Não sei se é coincidência, se é a verve anarquista que comunga os dois, ou se o argumento de Illich criou um pequeno ninho dentro de Parker, mas há uma clara consonância dos autores. Illich, longe das Escolas de Administração, denunciava que a institucionalização do ensino moderno estava destruindo o vernacular, as formas comunitárias de se organizar e pensar, e que nosso trabalho deveria ser o de ruir a Escola tal como concebido na modernidade em prol do conhecimento plural e múltiplo dos povos. Illich também queria destruir a Escola – e não só a de Administração (ILLICH, 1973).

No livro de Parker, ele estipula algumas condições básicas para a Escola do Organizar. A primeira seria a condição de estar continuamente aberta a novas tradições, novas formas de pensar e organizar. Isso se contraporía a visão colonialista do norte global. Afinal, se tudo que se quer é evitar um modelo único, tal qual o de mercado, não faria sentido algum eleger um novo modelo para aplicar indiscriminadamente. Trata-se, assim, de se manter desperto e aberto, observando formas alheias de organizar, tratando o diferente como possível e passível de ser desejado por outrem - e não como suprimível e transplantável em uma empresa.

Uma segunda condição seria a de que este centro proposto do organizar deveria ser, do ponto de vista da organização universitária, interdisciplinar. Isso, certamente, seria um desafio à estrutura universitária, centrada em departamentos de conhecimentos científicos auto excludentes, em revistas especializadas com suas preocupações prévias. Mas o autor reforça que não é possível pensar o organizar sem olhar para a história, para a geografia, para a antropologia, além de tantas outras. Ademais, organizar é um ato político e, se somos todos seres políticos, é decorrente que somos todos organizadores em oposição à ideia de separação do trabalho entre líderes e liderados.

Calcado em tais propostas, o autor parte de uma listagem grande (bem grande, na verdade) de experiências organizativas. Ele lista para nos mostrar quão grande são as possibilidades e, também, para reforçar mais um ponto de sua proposta: a de que poderíamos começar a ensinar o organizar a partir de elementos empíricos, a partir de uma enciclopédia gigantesca de formas de se organizar que existiram ou existem.

Shut Down the Business School é um livro de leitura fluída. Mas é mais do que isso: é uma proposta intrigante e que guarda potência. Sob meu ponto de vista, é impossível discutir a situação das escolas de administração sem passar pelos argumentos listados no livro. Por isso, na nossa atual realidade, este livro é indispensável. Mas o que Parker está argumentando não é, propriamente, pelo fechar das EAs. Ele quer ocupa-las e transformá-las radicalmente. Podemos manter os prédios das EAs de pé, talvez. E, embora a proposta final dele ainda pareça algo bastante incipiente, isso torna o livro mais rico. Pois é aí que entramos: fazer uma escola do organizar sob nosso olhar sem importar mais um modelo pronto do norte global, dos líderes mundiais ou mesmo de Martin Parker.

REFERÊNCIAS

BARRETT, Helen. **Book review: Shut Down the Business School by Martin Parker.**

Financial Times, London. 22 jun. 2018. FT Wealth. Disponível em:

<https://www.ft.com/content/907a4d8e-5395-11e8-84f4-43d65af59d43>

ILLICH, Ivan. *Deschooling society*. Middlesex: Harmondsworth, 1973.

PARKER, Martin. **Les business schools ignorent certaines réalités essentielles.** Le Monde,

Paris. 15 nov. 2018. Tribune. Disponível em:

https://www.lemonde.fr/campus/article/2018/11/15/les-business-schools-ignorent-certaines-realites-essentielles_5383885_4401467.html

PARKER, Martin. **Shut Down the Business School: What's Wrong with Management Education.** London, Pluto Books, 2018a.

PARKER, Martin. **Why we should bulldoze the business school.** The Guardian, London. 27 abr. 2018b. The Long Read. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/news/2018/apr/27/bulldoze-the-business-school>

PÖHNER, Ralph. **Wozu braucht es eigentlich Business Schools?** Zurich: Handelszeitung. 19 ago. 2018. Ausbildung. Disponível em: <https://www.handelszeitung.ch/management/wozu-braucht-es-eigentlich-business-schools#>

TAYLOR, Laurie; PARKER, Martin. Thinking Allowed: Business Schools. London: BBC4. 4 jun 2018. Programa de Rádio. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/programmes/b0b48r9v>

WANNER, Claudia. **Intellektuell betrügerische Einrichtungen fördern Kultur der Gier.** Berlin: Die Welt. 12 mai. 2018. Wirtschaft. Disponível em: <https://www.welt.de/wirtschaft/karriere/bildung/plus176287567/MBA-Macht-endlich-Schluss-mit-der-Business-School.html?wtmc=socialmedia.facebook.shared.web>